

Fundação Getúlio Vargas

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC)

Projeto:

Entrevistado: Florestan Fernandes

Local: São Paulo

Entrevistadora: Mariza Peirano

Transcrição: Maria Izabel Cruz Bitar

Data da transcrição: 19 de junho de 2012

Conferência de fidelidade: Gabriela Mayall

Entrevista: 1º de dezembro de 1978

F.F. – Se pegar os trabalhos sobre folclore e a introdução à *Organização social dos Tupinambá*, que não foi publicada na íntegra no livro – ela foi publicada na íntegra... Porque, como tese, foi... Depois, no livro *Elementos de sociologia teórica*, está. É sobre a organização social. É um capítulo sobre a organização social. Então, vai ver que, na verdade, eu nunca fui durkheimiano, no sentido estrito. O que caracterizou profundamente a influência europeia na Faculdade de Filosofia foi o caráter universal do padrão de cultura e de vida intelectual. Procurou aquilo que hoje se critica muito: o ecletismo. Se procurava combinar o trabalho intelectual profundo a um conhecimento das várias correntes de pensamento. E, se eu trabalhei um pouco mais com o Durkheim no começo, é que havia uma certa ênfase que os professores franceses e o professor Fernando de Azevedo deram para o estudo de Durkheim. Eu próprio nunca fui aluno do Fernando de Azevedo, mas fui assistente dele e conhecia essa ênfase. E como nós tínhamos formação muito diferente – ele não fez curso de ciências sociais; ele é um humanista que fez, depois, curso na Faculdade de Direito e trabalhou com várias matérias, inclusive acabou na sociologia, tendo passado pela crítica literária, pelo ensino de latim etc. –, seria muito difícil, para mim, uma acomodação intelectual frutífera com ele, se eu não procurasse um campo intermediário de trabalho. Então, já no primeiro ano que eu trabalhei com ele, em vez de eu dar um curso paralelo ao curso que ele estava dando, eu peguei Durkheim, porque toda... O Durkheim era o autor principal, no curso dele, então, peguei Durkheim, *As regras do método [sociológico]*. Durante seis meses, estudei *As regras* com os estudantes. Mas, na mesma época, se a senhora pegar a introdução à tese – porque era um estudo de organização social –, a

senhora vê a preocupação de entender as várias interpretações de organização social e de chegar a uma concepção que permitisse entender melhor o sistema organizatório dos Tupinambá. Nós não tínhamos uma tradição acadêmica própria, então, era através do trabalho feito no exterior – e não só nos Estados Unidos; na Inglaterra, na França, na Alemanha – que se poderia ter uma concepção que nós poderíamos absorver como aquilo que seria possível fazer aqui e agora. Então, a senhora pegando aquele estudo sobre organização social, vai ver que aproveitou, simultaneamente, autores norte-americanos, ingleses, franceses e alemães. O que era difícil, porque eu não estava fazendo uma pesquisa de campo, era uma pesquisa de reconstrução histórica, e nem tudo era possível fazer. Eu gastei muito trabalho na preparação teórica, e os resultados dessa reflexão nem sempre podiam ser explorados. Só para a senhora ter uma ideia do rigor com que eu trabalhei, sobre o problema de controle social, eu gastei uns cinco ou seis meses de estudo aprofundado – depois eu escrevi umas notinhas –, por causa da *Função social da guerra na sociedade Tupinambá*. Mas é que os problemas da investigação criavam empecilhos. Quer dizer, havia bloqueios. Era preciso resolver questões de terminologia, de compreensão de problemas etc. E com isso eu me lançava num trabalho amplo, aproveitando uma bibliografia que podia ser manipulada a partir daqui. Mas, se a senhora rastrear, simultaneamente, por exemplo, esse estudo sobre a organização social, que era a introdução original; pegar o estudo sobre Mannheim, que está publicado também no mesmo livro, *Elementos de sociologia teórica*; a introdução à *Contribuição à crítica da economia política*, de Marx, que eu organizei e que depois foi transcrita nos *[Ensaio de] sociologia geral e aplicada*, a senhora vê que havia muitas correntes intelectuais, que nós trabalhávamos aqui com uma relativa profundidade. Nesse momento, a influência do Weber ainda era muito pequena. Foi mais ou menos em 1948 ou 1949 que eu passei a trabalhar mais com o Weber, por causa de uns seminários que eu dei em um curso do professor Bastide. E, como eu fiz com o Durkheim, com o Weber eu fiz a mesma coisa: eu peguei *Economia e sociedade* e discuti durante o ano inteiro. Mas também aproveitei os três naquele... num trabalho que... Foi um curso que eu dei, de professores de sociologia, sobre problemas de indução na sociologia, em que eu procuro chegar a uma teoria da explicação na sociologia, especialmente concebendo a sociologia descritiva, a sociologia indutiva. Hoje, as pessoas que discutem essas questões confundem a abordagem funcional com o funcionalismo do Parsons, então, eles não entendem propriamente o que se estava fazendo naquela época. O funcionalismo que prevaleceu na década de 1940 a 1950 era um funcionalismo ligado com a investigação empírica, com a reconstrução dos sistemas de civilização. Quer dizer, se você compara Mauss, Radcliffe-Brown, Malinowski, você não encontra paralelo com o trabalho de sociologia construtiva e inventiva do Parsons. Essa é uma

sociologia sistemática e axiomática. Então, fazem uma confusão tremenda e não chegam a nada. É uma confusão terrível. Isso tudo torna muito difícil o diálogo, hoje, com o estudante, que vem dogmaticamente também nos colocar questões que criam uma sensação penosa de ignorância. Porque, se nós eliminarmos a análise estrutural funcional na sociologia, na antropologia, na psicologia, nós privamos a essência de um recurso interpretativo fundamental. E eles querem jogar fora isso, pensando que a dialética exige isso. Não exige coisa nenhuma, não é? E acho que um homem como Marx, ou mesmo Lênin, eles teriam muito cuidado, eles não fariam uma afirmação dessa, porque eles sabem que mesmo alguém que usa o método dialético não pode passar de fazer análise funcional. O estudante tira isso de autores, que têm maior responsabilidade. Quer dizer que a ignorância não é propriamente do estudante; a ignorância é dos especialistas, que têm uma informação precária. Se a senhora pega a bibliografia que eu usei nos cursos de problemas de indução na sociologia, vai ver que eu estava preocupado com a explicação das ciências sociais, livros de lógica, desde Stuart Mill até os livros mais modernos, indução na sociologia. Há gente que escreve sobre Marx e sobre o método dialético e não sabe que a indução, na ciência, não tem nada que ver com a indução enumerativa. Nunca leram Lalande. Há todo um livro de Lalande muito importante sobre a indução. Não sabem que a indução é amplificadora e que se pode ter vários tipos de reconstrução a partir da indução. Porque, veja bem, o problema do **estágio**: a antropologia, na década de 1930 até... O que o Boas faz, naquela sistematização de campos, aquilo é um milagre de imaginação. A antropologia não tinha avançado tanto que permitisse aquela sistematização teórica. Ele inventou. Com base num profundo conhecimento de situações humanas, ele sistematizou os campos. Mas é claro que o desenvolvimento da antropologia não previa aquilo, não permitia aquilo. Era preciso um desenvolvimento posterior para permitir algo semelhante. Se se coloca a questão desse ângulo, quando a antropologia, na década de 1950, alcança esse máximo de expansão empírica, se coloca o problema de passar para outros tipos de elaboração. Veja bem que, no fim da década de 1950 e começo da década de 1960, aparecem trabalhos que já procuram ser metaciência, que não querem ficar no plano empírico; querem ir além e fazer mais ou menos o que aconteceu na biologia, usar métodos matemáticos e ter um sistema explicativo que pudesse realmente ser chamado de teoria, eliminar todos os riscos da teoria de alcance limitado etc., sem se colocar a questão fundamental de saber como separar uma teoria geral de um conhecimento relativo a culturas e civilizações. Esse é o grande obstáculo que... Se você faz um corte transversal, você terá conhecimentos válidos para várias culturas e várias civilizações. Agora, o valor explicativo desses conhecimentos é sempre pequeno. Ele vale em abstrato. Se você pega concretamente uma dada civilização, você precisa de explicações levantadas a partir do eixo daquela

civilização. É por isso que... Já Durkheim, que era um homem que, por causa de valorizar muito a indução, ele ia contra os avanços formais na ciência, ele dizia que hipóteses fundadas na natureza humana, em geral, não explicam coisa nenhuma – explicam tudo e não explicam nada. E outros autores falaram a mesma coisa com outra linguagem. Mas, quando a antropologia atinge essa etapa, então começa uma crítica dos procedimentos empíricos. E, posteriormente, quando se entra numa fase de influência marxista dentro da antropologia, essa tendência vai se acentuar, por outras razões, que não estão ligadas ao pensamento matemático, à elaboração de **títulos**; está mais fundada na compreensão da variação da civilização, em termos que não seriam propriamente evolucionistas, mas que exigiam uma abordagem comparativa, sem as deformações organicistas que prevaleceram em Radcliffe-Brown e em muitos antropólogos que influenciaram a ideia de uma antropologia comparada e nunca fizeram uma antropologia comparada. Estava tentando despertar nos antropólogos... Porque o caminho, diante da crise que se cria na antropologia, o caminho poderia ser tanto o que Pritchard tomou na Inglaterra – não há ciência, nós fazemos propriamente uma sociografia, uma historiografia, o modelo de explicação é ideográfico –, ou tomar uma postura como a que eu tomei desde o começo da minha carreira, dizer: há a ideografia e há uma tentativa de explicação generalizadora, as duas coisas estão combinadas, e como nós podemos passar de uma a outra e suplantar um pouco essa tendência a se concentrar no trabalho descritivo. E eu critiquei muito o trabalho descritivo malfeito. Embora eu não pudesse ter evitado fazer um trabalho descritivo malfeito, nos estudos sobre folclore e nos estudos sobre a organização social. Porque, nos estudos de folclore, eu não tinha experiência, e nos estudos da organização social, eu estava confinado pelos dados das fontes. Então, não deixei de praticar certos erros e ficar circunscrito a certas limitações. Mas eu sempre tive certas ambições mais amplas, que depois não puderam ser exploradas. Naquele momento, eu estava tentando estimular os antropólogos a darem o avanço que nós demos em sociologia. E depois, curiosamente, o avanço que nós demos na sociologia foi paralisado. Toda aquela tendência, todo aquele *élan* acabou sumindo, ele se esvaiu no ar. Eu ainda tentei... Porque, para lutar contra ele, era preciso lutar por outras condições de trabalho que nós não tínhamos. Você deve ter visto, em *A sociologia numa era de revolução social*, há alguns capítulos lá em que eu discuto o problema. Eu tentei tenazmente conseguir... não na linha típica do Brasil de pegar recursos para moer, para jogar fora, um pseudocrescimento; era, realmente, um crescimento orgânico, controlado. Mas não estava ao nosso alcance. Quer dizer, uma sociedade subdesenvolvida e dominada a partir de fora, ela tem mutações internas muito graves e está sujeita a tendências que são determinadas a partir de fora. Então, tudo que eu queria de mais importante desapareceu. O meu esforço maior era de criar uma área de autonomia na

produção intelectual, na sociologia, na antropologia, em qualquer campo. E essa autonomia exigia que nós tivéssemos um certo controle sobre o nosso trabalho intelectual. Agora, qual é o controle que você pode ter, quando você está determinada, de um lado, pelas correntes que surgem na França, na Alemanha, na Inglaterra, nos Estados Unidos e, de outro lado, quando os recursos materiais e humanos vêm de fora e arrebentam com tudo aqui dentro, mesmo com grupos que já têm um certo avanço e já estão estruturados? Se você combina isso com crises internas em que o elemento político desaba sobre a pesquisa científica, então você tem um quadro completo, e isso leva à fragmentação, à pulverização, ao ponto zero permanente, porque estamos sempre voltando ao ponto zero, embora estejamos sempre progredindo. É uma contradição estranha. Mas é curioso. Eu me defrontei várias vezes com isso. Você vê, nas reflexões que eu faço no trabalho de... Aquele trabalho é da década de 1950, é um balanço da situação da década de 1950.

M.P. – Tendências.

F.F. – Aquele trabalho é interessante por isso, porque eu proponho... Quer dizer, você vê que, ali, propriamente no padrão de ciências, surgem poucos trabalhos.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

F.F. – Por causa do trabalho sobre folclore, eu conheci o Mário de Andrade. Quando eu vou para a Escola de Sociologia fazer o curso de pós-graduação em sociologia e antropologia, eu já era formado pela Faculdade de Filosofia e já era assistente de sociologia e já tinha feito... Desde 1941 que eu vinha fazendo e publicando trabalhos. Os primeiros trabalhos saem em 1942. Em 1943 e 1944 saem muitos outros trabalhos de folclore. Então, eu já conhecia o Mário de Andrade, e conheci-o em pessoa, também, mas não há nenhuma influência exterior nisso. O elemento fundamental foi ocasional: no seminário do professor Baldus, como aluno de pós-graduação na Escola de Sociologia... O professor Baldus tinha um Seminário sobre Índios do Brasil, e que não era propriamente um seminário... Ele apenas ficava na sala e participava das discussões. Não era um seminário de tipo autoritário; era mais uma espécie de... do mestre camarada. Conhece a teoria pedagógica do mestre camarada, não é? É o companheiro mais velho. Ele ficava na sala e cada um falava sobre o que queria. Eu, naquele seminário, discuti desenhos do Walt Disney, discuti livros do Trotski, discuti problemas ligados com a crise contemporânea... Quer dizer, era do cinema, a arte, a literatura, a situação brasileira, se há

educação ou não há, no Brasil. Nós tivemos essa discussão. E inclusive podia ser uma coisa mais instrumental. Por exemplo, ele encarregou o professor [inaudível] de traduzir do alemão e discutir dois livros que eu precisava conhecer detalhadamente, e ele expunha lá na classe e discutíamos essas obras. Quer dizer que não era um trabalho do professor; era um trabalho de grupo. E ele precisava também de uma coisa mais definida, para dar uma nota. Ele não dava nota com base no trabalho do seminário. O trabalho do seminário era vivo, ele era aberto. Ele também era um espírito aberto. E, para ele, a antropologia se aplicava a tudo. Era Seminário sobre Índios do Brasil, mas índio do Brasil é uma criatura humana, e ele admitia que houvesse essas excursões de tipo... muito ampla. Agora, para as notas, ele precisava que se fizesse um trabalho. E, não sei por que motivo, eu, pessoalmente, escolhi o Gabriel Soares. Naquela época, nós discutimos, no seminário, os trabalhos do Métraux. Eu não me lembro como é que foi que a coisa sobre o Métraux entrou lá. Mas os trabalhos do Métraux eram trabalhos feitos na década de 1920. Ele foi discípulo de Nordenskiöld. E, naquele trabalho, seguiu uma orientação mais ou menos antiquada, tanto teórica quanto metodologicamente. Não era antiquada na época em que ele escreveu a tese, mas se tornou antiquada. Na década de 1940, nós já estávamos sob influência dos autores funcionalistas, dos difusionistas, dos evolucionistas. Havia todo um debate teórico que também entrou no seminário. E, por causa desse debate teórico, simplificou um pouco o Métraux, nos estudos da religião e das migrações dos Tupi e da cultura material dos Tupi. Eu não sei por que motivo eu escolhi o Gabriel Soares. Talvez tenha sido porque eu fazia comentário de livros, para ganhar mais dinheiro, nos jornais. Por qualquer motivo, esse livro chegou às minhas mãos. E combinando o útil ao agradável, eu li o livro, e estava preocupado com a contribuição etnográfica do livro. Até, há alguns anos passados, eu destruí esse trabalho. Eu vi que não tinha importância. Mas o trabalho foi útil, porque, fazendo análise de conteúdo, eu descobri que ele dava uma contribuição magnífica para o estudo de instituições e de funcionamento de estruturas, e escrevi um trabalho de umas 25 ou 30 páginas discutindo esses aspectos que não aparecem na obra do Métraux. Isso foi trabalho de primeiro semestre. O professor Baldus leu aquilo e ficou impressionado, disse: “Florestan, será que você tem razão? Será que essa documentação é consistente? Porque, se isso realmente é consistente, é uma mina. Ninguém pensou sobre isso. É uma mina”. Eu disse: “Olha, só há um meio de ver se isso é consistente, vamos pegar outro autor. Porque o Gabriel Soares é consistente. O problema é saber se há réplicas e se, realmente, depois se pode confrontar fontes”. Aí eu escolhi, para o segundo semestre – aí foi decisão minha –, o Hans Staden e fiz um trabalho análogo sobre o Hans Staden, que mostrou a mesma coisa. Eu tinha uma posição de auxiliar de pesquisa... Não me lembro a descrição da bolsa. Era uma espécie de bolsa, uma dotação da Escola de Sociologia

que me foi concedida pelo professor Pierson, e nós deveríamos fazer um estudo em colaboração sobre contatos entre brancos e índios no século XVI em São Paulo. Eu tinha feito um trabalho, naquele simpósio organizado pela Canabrava, sobre o século XVI e as fontes históricas do século XVI e, por causa daquilo, o Pierson ficou impressionado com o que eu discuti e achava que nós podíamos fazer um trabalho junto, sobre índios e brancos aqui em São Paulo no século XVI e XVII. Depois nós tivemos uma discórdia muito... insuperável. Porque, apesar das críticas que faziam ao caráter teórico dos estudantes da Faculdade de Filosofia, eu respeitava mais os dados que ele. Ele queria que cada... Nós tínhamos um auxiliar de pesquisa e três pesquisadoras. O auxiliar de pesquisa era o Maurício Segall, e as três pesquisadoras, eu não lembro, teria que ver no arquivo aí. E elas estavam trabalhando nos dados do Arquivo Municipal. E eu tive conflito com o professor Pierson porque ele queria que cada documento que se explorava, que se discutisse as hipóteses para interpretar os fatos, e eu disse: “Olha, professor Pierson, isso aí é uma violência, porque, na verdade, só se pode saber o que a documentação nos reserva depois de reconstruir a totalidade. Um dado pego isoladamente tem um sentido; pego num contexto empírico reconstruído, ele tem outro. E se nós começarmos a introjetar a teoria nos dados, depois nós perdemos o dado de vista; nós temos a teoria. Então, não precisa fazer pesquisa”. Tivemos um conflito terrível por causa disso e eu me demiti do lugar. Aí o professor Baldus pediu para a dotação continuar e a dotação foi transferida para o seminário dele, e o professor Pierson, generosamente, concordou. Se ele se opusesse, era impossível. Então, eu tive condições de trabalhar mais amplamente sobre o assunto. Porque eu era assistente na Filosofia, fazia propaganda de dois artigos médicos, o Iodobisman e o Tropholipan, escrevia nos jornais e ainda tinha mais esse trabalho. Agora, trabalhei tenazmente. Se você quiser ir lá no meu escritório depois, eu mostro para você como é que eu trabalhei com essas fontes. Eu fiz o fichamento sistemático de todas as fontes. Aí eu peguei o Gabriel Soares; o Staden; o Thevet, as várias obras do Thevet; Abbeville etc. Tive o problema de saber qual era a melhor linha de ataque, se eu fragmentava a realidade – pegava Tupi no Rio de Janeiro, Santos e São Vicente; Tupi na Bahia; Tupi em Pernambuco; no Maranhão –, mas depois eu vi que não era uma linha apropriada, o melhor era trabalhar com as fontes de uma maneira transversal, e aprofundei o trabalho. Quer dizer, fiz um levantamento sistemático dos dados. A ideia de fazer, primeiro, um trabalho de reconstrução, que era a organização social, e depois, um trabalho mais rigoroso de interpretação, que está na guerra. Mas a guerra é um expediente para estudar o sistema civilizatório, dentro daquela linha do Mauss. O autor mais importante... O Bastide descobriu que o autor que é uma réplica do que eu faço é aquele da *Gens de la grande terre*, que eu acabei lendo, o Leenhardt. Mas, na verdade, apesar de eu ter lido muitos antropólogos e etnólogos,

quem teve uma influência maior na minha formação intelectual nessa área foi o Mauss, que é um autor bastante clássico e muito inteligente e me permitiu trabalhar com a antropologia inglesa, com a antropologia norte-americana, com a antropologia alemã. E depois eu ia fazer um outro estudo, sobre sacrifício humano, que nunca... Surgiram problemas técnicos que não cabiam nessa da guerra e... Porque você vê que eu trabalhei com o **Griaule**, com toda... O **de Griaule** foi muito importante para os estudos sobre o sacrificante, todo esse circuito que coloca o sacrifício no contexto da relação com as entidades não humanas. E separei até material. Se você pegar o meu fichário, você vai ver, eu separei o material sobre o contato com os brancos. As ideias gerais estão naquele pequeno trabalho sobre o contato dos Tupi com os brancos que foi publicado na *História*, do Sérgio Buarque, e depois transcrito nas *Mudanças sociais [no Brasil]*. Mas esse trabalho, eu nunca cheguei a escrever. Eu separei o material. O material ficou aí, está no fichário, para estudar catequização, o que naquela época se chamava de empréstimo cultural, todo o intercâmbio, todo o processo de destribalização. Agora, na *Organização social*, o primeiro capítulo dá alguma ideia, e esse ensaio que eu escrevi que está publicado agora no livro *A investigação etnológica no Brasil e outros ensaios*, está lá reproduzido. E depois, por acaso, acabei escrevendo também sobre a educação. Mas aí eu já estava numa fase muito mais madura e o trabalho sai um pouco do circuito dos ensaios que eu escrevi na década de 1940 e começo... Na década de 1940, porque em 1951 eu fiz a defesa de tese. Então, esse livro é representativo da década de 1940. Quando a *Organização social* saiu publicada... Porque o livro foi para o Instituto Progresso Editorial e, dois anos depois, estava sendo publicado, abrindo a coleção do Sérgio Buarque de Holanda no Instituto Progresso Editorial, a Editora IPE. Ele abriu a coleção dele com o meu livro. O professor Roldão Lopes de Barros, que é um homem muito inteligente, ele escreveu... Ele era professor de pedagogia. Ele leu o livro e ele ficou fascinado, e ele viu uma coisa que eu sentia. Porque eu, por exemplo, quando li o que aquele historiador inglês, o Southey... o que o Southey escreve sobre os índios, eu fiquei alarmado. Aquilo é uma fraude. Ele apanha dados isolados e, com aquilo, ele quer ver a realidade. A mesma coisa fez o Gilberto Freyre, no livro dele... *Casa-grande e senzala*: ele trabalha com uma ampla documentação, mas aquela documentação não foi posta...

M.P. – Não se integra.

F.F. – Ela não foi integrada. Então, você encontra explicações contraditórias, porque não há o controle do dado. Por isso que eu escrevi sobre a reconstrução. O trabalho sobre a reconstrução nasce de todos esses problemas que eu enfrentei, de todas as insatisfações que eu tive ao ver que

não há rigor no processo de tratamento dos dados. Não sei se você leu esse pequeno ensaio. Eu considero uma das coisas mais importantes que eu escrevi. Está nos *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*, que agora saiu de novo, numa nova edição, por uma editora chamada Livros Técnicos, que é do Rio. Mas saiu por causa do Tomás, que era da Companhia Editora Nacional e foi para lá. O professor Roldão, quando leu aquilo, disse: “Florestan, você revolucionou a concepção do momento inicial da história do Brasil”. Ele dizia: “Eu li coisas sobre esses índios, eles me fascinaram, e depois eu vi que era tudo falsificado. Você dá outro retrato da existência desses índios e da maneira que eles viviam, usando a mesma documentação. Você vai ser uma leitura obrigatória e o seu trabalho vai ser o marco da reconstrução do ponto zero da história do Brasil”. Isso ele dizendo ali. E aquilo fazia sentido. Embora eu não seja uma pessoa vaidosa, aquilo fazia sentido com o significado que o trabalho devia ter para nós. Nunca houve nada disso. Quer dizer, você pega qualquer livro de história do Brasil que considera as populações indígenas... Olha que não se progrediu nada aí. Mas, se você pega, você vê que se faz a mesma coisa, e o trabalho sobre a organização social nem entra. O pessoal nem conhece o livro. Os historiadores ignoram. E mesmo um historiador muito meu amigo, fazendo uma discussão sobre a reconstrução histórica, ele, que me põe na história da historiografia, ele não considera esse livro. Porque, se ele considerasse esse livro, o marco da discussão dos problemas de reconstrução histórica seria eu; não o marco que ele usa lá. Então ele, inconscientemente, me eliminou. Quer dizer que a *Organização social*, então, não teve essa implicação fundamental, que é elementar. Quanto [ao trabalho] *A função social da guerra*, eu entendo porque o livro acabou sendo um pouco pesado para nós, é que ele responde a uma tradição de tese que nós absorvemos dos franceses. Esse tipo de tese de doutorado que eu fiz... Eu fiz questão que ele fosse o primeiro e o único. Eu não deixei mais que os meus assistentes fossem por esse caminho. Aquilo era possível e legítimo na Europa.

M.P. – Conscientemente, o senhor...?

F.F. – Conscientemente. Porque como é que você pode deixar uma pessoa perder quatro ou cinco anos de sua vida fazendo um trabalho desses? Não é possível isso. É um tipo de atividade intelectual que... Era necessário aqui. Eu tinha de provar que eu era capaz de fazer e ter o prestígio suficiente para depois botar a rota em outra direção. Porém, se você pega a questão desse ângulo, o trabalho é um trabalho um pouco indigesto, muito rigoroso. Sabe que, como estudante, no terceiro ano, eu dei um curso para os meus colegas sobre *Le salaire, l'évolution sociale et la monnaie*. Essa preocupação de um trabalho rigoroso, de uma tese muito sólida que

projeta o prestígio científico do candidato, isso tudo nunca existiu aqui. A nossa universidade é recente, não há solidez para isso. Então, dentro do nosso mundo intelectual – porque eu não vou dizer acadêmico porque seria exagerar um pouco –, mas, dentro do nosso mundo intelectual, esse é um trabalho exorbitante, o que explica por que, então, a *Organização social dos Tupinambá* só foi útil para mim e *A função social da guerra* acabou sendo um livro que as pessoas acham importante. Mas a própria editora, que publicou a segunda edição porque acha que o livro é clássico, descobriu que os clássicos não vendem: ela vende dez a quinze exemplares por ano, a Editora Pioneira. Agora, sobre o negro, não pode trabalhar com a edição norte-americana; tem de trabalhar com a edição brasileira. Com a alemã, poderia, mas com a norte-americana, não. Porque foi uma edição condensada. Eu não quis condensar eu próprio, para não perder tempo, e depois lamentei muito. Não preciso dizer mais nada, não é?

M.P. – Uma pequena pergunta aqui: o senhor alguma vez pensou em termos de fazer trabalho de campo com indígena?

F.F. – Houve um momento que eu cheguei a pensar nisso. Havia um interesse do Serviço de Proteção aos Índios, havia um interesse do professor Baldus, nós mesmos tínhamos vontade de fazer um trabalho mais rigoroso de estudo comparado de tribos brasileiras, mas depois eu fui pego na dinâmica da vida universitária e não tinha mais tempo para devotar a... Tive de largar o trabalho sobre os índios. Você deve ter visto que, no que respeita à minha carreira, apesar de eu ter leituras de várias origens, combinando autores de todas as nacionalidades, inclusive da América Latina, o que prevaleceu foi o padrão francês, porque o grosso dos meus professores eram franceses, e essa combinação de sociologia com antropologia era tipicamente francesa. Você precisa ver que um homem como o Durkheim escreve *De la division du travail social* e *As formas elementares da vida religiosa*; escreve, com Mauss, *Algumas formas primitivas de classificação*; e o próprio Mauss trabalha, simultaneamente... ele tem o *Manual de etnografia*, tem ensaios de sociologia descritiva e tem vários tipos de trabalho que são sociológicos, de história comparada da cultura. Então, eu trabalhei, simultaneamente, com antropologia e sociologia, o que não seria possível se eu fosse norte-americano. Seria possível se eu fosse inglês, mas como um subterfúgio para descrever a sociologia naquele momento. Posteriormente, não. Embora, naquele momento, houvesse, por exemplo, o Ginsberg, que é um autor que eu também li muito naquela época. Ele mantinha a tradição sociológica viva na Inglaterra. Mas, na verdade, os ingleses não absorviam a sociologia **aplicada**; eles preferiam o conceito de antropologia social. Agora, essa combinação de sociologia com antropologia era

muito francesa. E chegou um momento da minha vida universitária que eu tive de pôr isso de lado; eu tive de trabalhar com a sociologia. Eu era professor de sociologia desde o começo e acabei... Ainda hoje, a minha biblioteca tem muitos livros de antropologia. Apesar de eu já ter vendido uma grande parte, eu tenho muito livro de antropologia – alguns vêm daquela época, outros são mais recentes. E foi bom para a minha formação. Eu sempre combinei psicologia, sociologia, antropologia e história, seguindo aquela tendência fundamental no começo do século, **do europeu**, tanto na Alemanha quanto na França. Mas depois eu tive de deixar a antropologia no segundo plano, me concentrar na sociologia e, ao me concentrar na sociologia, eu fui levado a fazer alguma coisa parecida com o que se fez em Chicago, quer dizer, privilegiar os problemas da grande cidade em que eu vivia: industrialização, urbanização e relações raciais. Porque a opção foi consciente, porque ela dependia do crescimento de um grupo. Quando o professor Bastide deixa a cadeira na minha mão... Quando ele me escolheu para ser assistente dele, eu já era assistente do professor Fernando de Azevedo. Ele colocou o problema para o departamento e disse que o assistente que ele ia convidar – porque a dona Lavínia ficou nos Estados Unidos, não voltou mais –, o assistente que ele ia convidar ia ser o sucessor dele e, para sucessor dele, ele só escolhia a mim. Se permitiam minha transferência, muito bem; se não permitiam, ele não escolhia assistente nenhum. Então, aí houve um debate, o departamento aprovou, mas eu tive de ficar quatro anos ainda sem fazer a transferência oficial, e me desgastando muito, porque eu era obrigado a dar todas as aulas, nas duas cadeiras. Eu era primeiro assistente numa e segundo assistente noutra, mas, na prática, eu era só segundo assistente e só ganhava como segundo assistente, com tempo integral. Porque eu tenho tempo integral desde 1947, se não me engano. Esse primeiro tempo integral aqui. Eu acho que nós só resolvemos esse problema em 1951. Eu briguei com o Fernando de Azevedo – ele não queria deixar que eu passasse, eu briguei com ele – e resolvi o problema da transferência. Porque o problema era de conseguir tempo integral – ele não queria deixar que eu levasse o tempo integral comigo. Resolvi o problema e aí passei a trabalhar com o Bastide. E, realmente, só... Acho que não foi, não. Foi em 1952 que se resolveu oficialmente isso. E, em 1954, o professor Bastide vai para a França. E eu já estava formando... Porque eu leciono desde 1945. E, já há vários anos, eu estava formando uma espécie de **[inaudível]**, colocando as pessoas com quem eu queria trabalhar em vários lugares. O Fernando Henrique já estava trabalhando conosco. O Bastide aceitou o Fernando Henrique. Ele ficou assistente da cadeira. E quando o Bastide vai embora, o Fernando Henrique já está conosco, aí eu só desloco pessoas de outros lugares. Mas, antes, eu pus o Fernando Henrique trabalhando com a Alice Canabrava e, depois, com o Mário Wagner; o Renato Jardim trabalhando com Schaden. Depois fui recuperando as pessoas. Quer

dizer que, quando eu fico com a cadeira, inicialmente, o problema era mais de ensino: criar áreas de trabalho dentro do ensino e expandir o curso de técnicas e métodos e vários outros cursos. Porque, antes, isso tudo ficou muito limitado. E a minha teoria era de formar um grupo bastante grande que pudesse diferenciar os campos. Então, eu abria a certas áreas de ensino e, depois, essas áreas ficavam nas mãos de alguns dos assistentes. E depois, mais tarde, eles próprios já foram abrindo áreas próprias. Porque uma é a situação inicial e outra é a situação que vem depois que o grupo se consolida. Mas a grande ambição era criar uma problemática nova. E, a rigor, a pesquisa sobre relações raciais serviu de espinha dorsal para isso, e foi uma coisa ocasional. Eu estava fazendo uma pesquisa sobre aculturação dos sírios e libaneses, para o doutorado. A pesquisa se revelou inviável por várias razões, que não vem ao caso discutir aqui. Depois de eu trabalhar muito tempo, colher muito dado – eu tenho aí umas 20 cadernetas com material e tenho muitos livros sobre os árabes –, eu perdi todo o trabalho e resolvi fazer sobre os Tupinambá, e fiz sobre os Tupinambá. E eu já estava defendendo *A função social da guerra* e, simultaneamente, estava fazendo o projeto da pesquisa com o Bastide. Porque o projeto, quem escreveu fui eu. Porque, na verdade, o Métraux veio para cá e não tinha... Ele tinha quatro mil dólares. O projeto da Unesco tinha um desenvolvimento no Recife, um desenvolvimento no Rio de Janeiro e outro desenvolvimento em São Paulo, e ele trouxe quatro mil dólares para São Paulo, e desses quatro mil dólares, mil dólares eram para a Aniela Ginsberg fazer um estudo de psicologia, mil dólares eram para a Virgínia Bicudo fazer outro estudo de psicologia – já estavam empreitados –, e outros mil dólares eram para o Oracy Nogueira fazer um estudo em Itapetininga, na zona rural. Ficaram mil dólares para mim e para o Roger Bastide, o que não dava para fazer coisa alguma, e nós demos 500 dólares para o Renato Jardim Moreira e 500 dólares para a Lucila Hermann. A Lucila era a principal pesquisadora dele e o Renato era o meu principal pesquisador. Quer dizer que a pesquisa foi feita sem dinheiro. Quem o Métraux queria para fazer a pesquisa era o Donald Pierson, e o Donald Pierson... Eu levei o Métraux para discutir com o Pierson, e o Pierson realmente aceitava, mas ele queria dinheiro. Quando ele viu que não tinha dinheiro, ele disse que não fazia, que não tinha tempo e que, infelizmente, não podia dar essa colaboração para a Unesco. Aí o Métraux foi pedir ao Bastide. E o Bastide era um homem que não dizia não para ninguém. Depois que ele aceitou, aí ele queria a todo custo que eu entrasse na pesquisa. Aí eu disse que não entrava. Eu disse que não. Eu estava fazendo a minha tese, estava com outros projetos de trabalho, aquilo não entrava dentro do meu circuito. Eu disse que de jeito nenhum aceitaria. Isso aconteceu lá na Maria Antônia. Nós já não estávamos mais na Praça da República; estávamos na Maria Antônia. Eu estava numa sala, ele estava conversando comigo, abre a porta para sair, depois ele enfia a cabeça no vão da porta e

diz: “Professor, eu colho todos os dados para o senhor. O senhor só interpreta. O senhor aceita trabalhar comigo?”. Eu fiquei tão comovido que vieram lágrimas nos olhos. Ele tinha sido meu professor durante toda a minha carreira: desde 1941, ele foi meu professor, até 1944, quando eu fiz o curso de didática. Nós tínhamos uma relação muito íntima. Essa humildade dele me comoveu. Aí eu disse: “Está bom, professor, aceito fazer a pesquisa com o senhor”. Agora, eu já tinha trabalhado sobre o negro com ele, porque, em 1941, eu colhi biografias de certas personalidades negras, especialmente, líderes religiosos; depois, em 1943, eu fiz um estudo em Sorocaba. Você deve ter visto que têm várias coisas minhas publicadas sobre Sorocaba na revista *Sociologia*.

M.P. – [Inaudível].

F.F. – Têm vários. Porque eu não publiquei muita coisa. O principal trabalho, que era para o Willems, era um estudo sobre formas mais ou menos superficiais de discriminação, no passeio público, no emprego etc., sobre o negro. Eu tenho um estudo publicado sobre o João de Camargo e outro estudo sobre batuques e congadas. E esse material sobre o preconceito de cor não foi publicado porque era material para o Willems. Fiz um pequeno trabalho para ele, como aluno de antropologia. Ganhei nota com aquele trabalho, não é? Então, eu já tinha alguma experiência sobre o assunto. E também tinha escrito um trabalho sobre representações coletivas, sobre o negro, nos estudos de folclore. Quando ele pediu para eu colaborar com ele, eu imaginei: “Nós vamos ter um problema, porque o Bastide não tem treino de pesquisa de campo”. Ele colheu muito dado, mas era mais aquela pesquisa erudita, em que se misturava tudo, dado empírico, dado obtido por leitura etc. E, de outro lado, havia o risco de não termos uma unificação de perspectiva teórica. Então, eu imaginei ter um projeto de pesquisa, para nos entendermos sobre o que era fundamental para nós. Ele concordou comigo com a ideia de um projeto de pesquisa. E como o problema surgiu da minha parte, eu não queria ter conflitos com ele por causa de interpretações, eu redigi o projeto. E, no projeto, a única coisa que ele modificou foi a parte relativa ao trabalho que o Pierson fez para a Unesco dizendo que o Brasil era um caso neutro, em relação à existência do preconceito, preconceito e discriminação. E eu ataquei aquele trabalho, dizendo que não e que ele não tinha percebido bem o preconceito... Todo preconceito é social. Quer dizer, dizer que um preconceito é social, aí teria... Contrastar o preconceito racial a outras formas de preconceito pela substância é absurdo. O preconceito racial é uma forma de preconceito social. A menos que você queira introduzir metafísica e substância nos conceitos. Então eu critiquei severamente aquele trabalho do professor Pierson.

E o professor Bastide achou que era melhor a gente amainar e reduzir as proporções da crítica. E eu concordei com ele, porque, na verdade, a importância do professor Pierson era de levar a um extremo a nossa acuidade, diante do que deveríamos fazer. Outro professor norte-americano que esteve aqui, o professor Lowrie... Não sei se você conhece o Samuel Lowrie. Eu citei muito no meu trabalho. O Samuel Lowrie não foi tão ingênuo. Ele, visitando amigos brasileiros... No estudo dele sobre populações negras em São Paulo, ele menciona essas conversas. Ele ia à casa de amigos brasileiros de classe alta e eles diziam que não tinham preconceito. Ele nunca via negro lá, a não ser como empregado, como criado. Aí ele dizia: “Mas como...?”. As pessoas diziam que não tinham... “Como que você não tem preconceito? Você não tem amigo negro.” Aí o sujeito dizia: “O que você pensa que eu sou?”. E coisas assim. Ele fez várias perguntas provocativas, e algumas, tensas, se deixavam a filha casar com negro etc., e as pessoas se ofendiam. E ele então percebeu que a realidade não correspondia às normas: o comportamento ideal era uma coisa e o comportamento concreto, outra, e via que as coisas brigavam entre si. O professor Pierson foi um pouquinho mais ingênuo, ele não foi ao fundo da... Ele estudou a Bahia, e uma das coisas... Naturalmente, na Bahia, 70% da população, estatisticamente, se identificou como negra e mulata. Então, para uma população desse tipo, é muito importante dizer que discriminação e preconceito não existem. Agora, se você compara as estatísticas sobre distribuição de renda, sobre a posição de empresário, quem é empregador e quem é empregado e, especialmente, as estatísticas sobre educação escolarizada, nos diferentes níveis do ensino, você vai ver que a realidade de lá é igual à daqui. Estruturalmente, a sociedade brasileira é análoga, em todas... Depois eu fiz essa comparação, depois do meu trabalho com o Bastide, e descobri isso. Então, realmente, ele foi levado pelo canto da sereia. E o projeto com o Bastide tinha essa função de permitir a nossa adaptação mútua, conseguir um universo teórico mais ou menos homogêneo e, ao mesmo tempo, definir os problemas com que nós íamos trabalhar, para não cairmos numa pesquisa que não tem começo nem fim. O Bastide foi um discípulo do Gaston Richard, teve uma carreira voltada para a sociologia religiosa... Ele, quando veio para cá, era um dos poucos professores que vinham com uma especialização já avançada. Quando o Lévi-Strauss vem para cá, o Lévi-Strauss ainda nem sabia o que ia fazer, e o Bastide já tinha dois livros publicados, *Elementos de sociologia religiosa* e *Os problemas da vida mística*, quer dizer, dois livros conhecidos, importantes, e, portanto, já era um especialista. Eu não tinha essa solidez e não tinha um passado. E, de outro lado, eu me tornei militante de esquerda, já na luta contra o Estado Novo. A tradução da... a publicação da *Crítica da economia política* é substantiva para indicar isso, não é? Eu fui militante da Quarta Internacional. Então, para nós termos uma certa convergência e uma colaboração construtiva, eu achei melhor fazer aquele

projeto. E ele, de outro lado, endossou o projeto, o que era importante. Porque, se o projeto passasse pelo crivo dele... Quem conhecia era ele. Eu tinha um conhecimento muito fragmentário das coisas. Você nota que o universo intelectual é ultrapulverizado, porque você está num mundo em que o intelectual... Você vai ler, quando sair o meu... No curso que eu dei este ano na PUC, A sociologia numa época de crise de civilização, não sei se você vai concordar com a caracterização que eu faço, mas você vai ver lá como eu descrevo esse intelectualismo abstrato que pulveriza tudo. É uma civilização que quer botar o cientista social para fora da reflexão crítica, então, precisa fazer isso. Ela pulveriza em todas as direções: psicológica, intelectual... **O sujeito** fica isolado, confinado, solto num espaço...

M.P. – E o espaço é definido...

F.F. – ...e só trabalha com categorias abstratas. O pensamento não se preocupa com sua própria relação com a sociedade, não se define em termos de uma categoria histórica. A pesquisa sobre o negro começou, para mim, como a pesquisa sobre os Tupinambá, a pesquisa sobre os sírios e libaneses. Ela começou como uma pesquisa. E eu fiz um projeto... Pelo projeto, você pode ver que as hipóteses diretrizes eram hipóteses bastante críticas e que permitiam... Numa linguagem weberiana, partia desde a ausência até a existência mais intensa de atitudes de preconceito e de comportamentos de preconceito. É um ensaio bastante engenhoso. Ele é curto, mas é muito engenhoso, exatamente porque é uma hipótese muito flexível e, ao mesmo tempo, unificadora. Você pegando... Muita coisa, eu não percebi direito naquela ocasião. Mas era uma coisa anterior à pesquisa. O que nós tínhamos feito como pesquisa, especialmente eu, não permitia ir muito longe. Quando o Bastide endossa, aquilo significa que o projeto tinha muita consistência, em termos dos problemas do grupo. Mas, para mim, era uma pesquisa. E só deixou de ser só uma pesquisa na medida que... Porque nós tínhamos... Na definição da bateria das técnicas de investigação, quem trabalhou fui eu, como eu que elaborei o projeto, e eu pensei nas diferentes linhas de ataque para reconstruir a realidade, e uma das coisas que eu estava querendo usar, e que o Bastide se interessou que nós usássemos, foi aquela técnica de observação em massa que foi aplicada na Inglaterra durante a guerra, de tirar documentos de vários membros do grupo, documentos pessoais bastante profundos. Era uma combinação... E tinha técnicas também... Porque eu conhecia muito as técnicas de investigação exploradas em Chicago, na Inglaterra, na França, em vários lugares. Então, você, por ali, você vai ver as várias técnicas que nós queríamos usar. E essa técnica de observação em massa, de ter uma massa... de dar um roteiro para os sujeitos da investigação e eles responderem por escrito, isso falhou. Nós obtivemos uns

seis ou oito. Mas deu para ver rapidamente, porque nós distribuimos aquele roteiro e não veio resultado nenhum. Eu disse para o professor Bastide: “Olha, o negócio não dá, e eu acho... Porque o nível de secularização da cultura é muito baixo, na sociedade brasileira, e está em defasagem no meio negro, é mais baixo ainda. Então, o número de pessoas que são capazes de elaborar esses documentos é pequeno e com frequência vão elaborar esses documentos não numa linha que nos interessa, da pessoa deles, mas de problemas da comunidade”. Aí o Bastide ficou decepcionado, disse: “E agora, o que é que nós fazemos?”. Aí eu me lembrei das reuniões tribais na sociedade Tupinambá e me lembrei de reuniões análogas na África – porque eu tenho vários livros sobre sociedades africanas –, essa institucionalização do debate coletivo no fim do dia. Eu falei: “Professor, eles não escrevem, mas falam. Nós temos de criar a situação de grupo em que eles falem. Para isso, nós dependemos do senhor”. Ele tinha muito amigo no meio negro. Aí nós arranjamos a sala da Biblioteca Municipal e começamos... Fizemos uma convocação e nós tivemos, na primeira reunião, umas 150 a 180 pessoas. E depois, como não era possível usar a Biblioteca Municipal, destinou-se para a Congregação da Faculdade de Filosofia, na Maria Antônia. E nós fazíamos uma reunião mensal, com uma equipe de taquígrafos, de seis ou oito taquígrafos. E foi aquilo que eu falei, o problema ali era... Porque eles começavam a falar e depois [inaudível] falar. E era preciso muita gente falar, não é? E colhemos um material riquíssimo. E ali a gente pescava pessoas para entrevista informal, para entrevista formal; se evidenciou a necessidade de ter um grupo de mulheres... Porque as mulheres tinham uma percepção muito madura dos problemas humanos. Porque, você lendo o livro, você vê que a mulher varou toda essa crise tendo sempre trabalho e sendo um elemento de subsistência do homem, das crianças, dos velhos. Então, a mulher desenvolveu uma experiência humana muito rica, muito madura. E logo imaginamos fazer seminários de 15 em 15 dias com mulheres, para discutir os problemas do meio negro. E a dos intelectuais, nós já tínhamos projetado, quando nós descobrimos que não tínhamos documento pessoal. Nós fazíamos seminários todo sábado, lá na rua Formosa, na Associação José do Patrocínio. Os intelectuais negros iam lá e nós discutíamos os problemas, e depois eles escreveram trabalhos sobre os problemas. Agora, nós tínhamos entrevistas formais, informais, tínhamos estudos de caso... Tinham vários tipos de documento. E também... Sobre o branco e sobre o negro. Porque a pesquisa, simultaneamente... Nós aprofundamos no negro, mas tínhamos de fazer também no branco, para estudar atitudes, comportamentos e a linha da rejeição, as linhas da rejeição, como é que elas funcionavam ali. Agora, na medida em que essas reuniões progrediram, eu fiquei impressionado, porque, se eu não senti nenhum fascínio pelos problemas dos sírios e libaneses, eu senti uma identificação total com os problemas dos negros. Eram os meus problemas

humanos de quando eu era criança. Eu comecei a trabalhar com seis anos. Tinha pouco mais de seis anos, quando eu comecei a trabalhar. A minha família era uma família extremamente pobre, eu trabalhei durante a vida inteira, então, eu estava vendo ali os problemas da população pobre, e agravados pelo fato de que o negro estava sujeito a uma dupla discriminação: uma discriminação que era social e outra que era racial. Social em termos de recrutamento, isolamento etc. E, ao mesmo tempo, havia a linha de cor. Quer dizer que a linha de pobreza e a linha de cor se cruzavam, e uma agravava a outra. Eu, por exemplo, eu venci a linha da pobreza. Se eu fosse negro, eu teria muito mais dificuldade. Provavelmente, eu não teria chegado aonde cheguei. Vencer as duas linhas é muito difícil. Era evidente ali os grandes homens que estavam ali e que foram aniquilados, grandes homens, grandes talentos, grandes personalidades. Foram aniquilados. Tinham capacidade de liderança, capacidade de realização, de criação e não foram nada na vida. Por quê? Porque eles foram massacrados por essa dupla pressão limitativa. Aí a pesquisa acabou sendo muito importante e ela acabou me permitindo estudar muita coisa sobre a sociedade brasileira que é mitificada e mistificada. Porque nós fizemos pesquisa sobre o passado. Você pega o trabalho *Branços e negros [em São Paulo]*, você vê um capítulo, o primeiro, em que eu pego toda a evolução da economia de São Paulo, município, e da economia paulista, estado. Essa reconstrução do escravo ao cidadão começa no século XVI e termina nos questionários que nós aplicamos. E o segundo capítulo também é um capítulo de passado e presente: a estrutura em evolução, em transformação. Então, você vê que me permitiu questionar a sociedade brasileira escravista de uma maneira muito mais crítica do que eu fiz quando eu trabalhei com os índios, porque aí eu fui estudar o escravismo em termos do agente principal do trabalho escravo e sem as categorias de mascaramento que permeiam todo o nosso... Se você tira o Perdigão Malheiros... Mesmo o Gilberto Freyre é mistificador. E toda a ética católica levava à concepção de que a escravidão nunca foi tão doce em lugar nenhum do mundo. Agora, esqueceram de perguntar para o escravo se ele achava isso. Os americanos falam da escravidão de tipo gado, de tipo animal. A escravidão, aqui, também era isso, quando se fala em fôlego vivo. O escravo era uma peça, era um fôlego vivo. Então, fomos ao questionamento da sociedade do passado e fizemos a crítica também da sociedade do presente. E eu fui obrigado a estudar tudo isso em termos das estruturas da sociedade brasileira do passado e das estruturas da sociedade brasileira do presente. Tento explicar a diferença do padrão de estrutura: o que é uma sociedade de castas e de estamentos, o que é uma sociedade de classes, como se passa de uma a outra. E através do negro, então, eu tive todo um ponto de referência para estudar a revolução burguesa, que começa aí. Você vê que há uma descrição da revolução burguesa em *A integração do negro na sociedade de classes*, em que já os aspectos empíricos centrais estão

todos: o papel do imigrante, o papel do fazendeiro, como o negro foi posto à margem dessa revolução. São Paulo era o lugar para fazer esse estudo, porque era a sociedade burguesa. É a cidade burguesa por excelência, do Brasil. Acontece que, simultaneamente... Quer dizer, o problema da nossa... que tem que ser entendido é que o envolvimento do estudante universitário na política, aqui, sempre foi constante; não é uma novidade. Quer dizer que, embora eu fosse infenso à vida dos grêmios... Eu não participava da vida dos grêmios. Eu achava pouco séria. Especialmente sob a ditadura, não era nada séria. Eu deixava o grêmio de lado, mas entrava nos movimentos de luta contra a ditadura, e isso tinha muito que ver com as relações humanas dentro da universidade e dentro dos jornais. Então, eu entrei para o movimento trotskista em função da minha participação nos movimentos de luta contra a ditadura, que eram subterrâneos. Por aí, fui estudar coisas que não estudava com os professores europeus e um ou outro brasileiro que eu tive na Faculdade de Filosofia: estudar Marx e ter uma ideia do que é o socialismo, do que é um socialismo revolucionário etc. A ideia de uma atividade intelectual crítica já existia dentro... Durkheim dizia que, se a sociologia não servisse para nada, não valia a pena. Quer dizer que a preocupação pela patologia social e pela sociologia aplicada vem da minha formação acadêmica. Tanto que, durante muitos anos, eu dei cursos de sociologia aplicada. Eu não cheguei a elaborar todo o material com que eu trabalhava com os estudantes, mas uma parte você pode ver nos *Ensaio de sociologia geral e aplicada*. Dá bem para... O professor Baldus dizia que eu estava 20 anos na frente do que se estava fazendo nos Estados Unidos e na Europa nessa área. Mas aqui era inútil, porque ninguém se preocupava com isso. Era uma preocupação teórica, a sociologia aplicada. Quer dizer que uma preocupação eminentemente prática só tinha sentido teórico entre nós, porque nós não tínhamos condições de ligar a prática e a teoria. Então, havia uma cisão entre os papéis intelectuais e os papéis práticos. Hoje, se surgir um movimento socialista robusto, essa cisão desaparece. Mas até agora não desapareceu. É muito mais uma **questão** de fantasia, porque o intelectual que está fazendo um papel crítico, ele não tem papel crítico nenhum; ele está trabalhando com categorias abstratas em livros que ninguém lê, só um pequeno número de intelectuais. Essa fusão de atividade prática e atividade intelectual, ela só tem de nascer concretamente, mas a aspiração dela, durante toda a minha vida eu tive. E você vê que, nos ensaios publicados... Se você pega aquele *Problemas de mudança social no Brasil*, você encontra lá uma afirmação de que o intelectual tem de subir com a massa, com o elemento ignorante da população. Quer dizer, ele não pode se separar, não é? Mas essas eram afirmações de tipo prático que não se concretizavam, porque nós tivemos poucas oportunidades de... Primeiro, os problemas práticos que nós conseguimos levantar diziam respeito à universidade. Na década de 1950, nós trabalhamos dentro da escola, criticando a instituição. Você pega os

ensaios publicados na *Educação e sociedade no Brasil* e vê lá todos os problemas da reforma universitária e você vê por onde surgiu. Depois, como não encontramos apoio dentro da universidade, saímos da universidade. Na década de 1960, você me vê indo para a Bahia com o Octavio Ianni fazer o primeiro debate nacional sobre a universidade, na Bahia. Eu fiz a principal exposição lá. Aí já procurando apoio nos estudantes. Os estudantes começaram um movimento, também. Você me vê com os sindicatos. Já antes, na luta contra o Estado Novo, eu estava na Coligação Democrática Radical, quando ela é criada; participei de Primeiros de Maio; participei de uma porção de coisas. Você encontra, no livro do Carlos Guilherme, uma fotografia em que eu estou com o Caio Prado, num congresso sindical. Naquele congresso, eu apresentei o trabalho que abre a *Educação e sociedade no Brasil*. É um trabalho sobre educação. Você vê, [inaudível] assessoria, mais séria, um trabalho de... Foi a primeira análise transversal do sistema educacional brasileiro. Nunca se tinha feito uma análise procurando unificar todo o sistema de educação. E eu apresentei nesse congresso. A Campanha em Defesa da Escola Pública nos levou a um debate enorme, e toda a sociedade brasileira. Posteriormente, ainda na década de 1960, houve todos os debates sobre desenvolvimento econômico, sobre a reforma universitária. Tudo isso se fez fora da universidade. Mas, na verdade, não havia... Para haver uma integração de papéis, seria necessário que, além da universidade, existisse um movimento político bastante organizado, para dar ao intelectual papéis específicos dentro do movimento – coisa que não aconteceu –, que eu debato um pouco em *A condição de sociólogo* e, também, nos dois ensaios pertinentes ao assunto, na segunda parte de *A sociologia no Brasil*: “A geração perdida” e “Em busca de uma sociologia crítica e militante”. Na verdade, a influência foi muito mais de grupos, quer dizer, a missão europeia. Os franceses... O importante nessa transplantação é que ela foi uma transplantação maciça e, ao mesmo tempo, ela não foi controlada de fora, embora ela não tenha sido controlada de dentro. Porque a concepção liberal do mundo levou as nossas elites a errar no processo. E, inclusive, o pensamento diretriz dessas elites era de que eles iam formar o seu prolongamento. Quer dizer que eles estavam tentando lutar com o resto do Brasil no plano intelectual: formar elites capazes de superar...

M.P. – De gerir.

F.F. – Porque todo o diagnóstico que vem depois da Revolução de 1932 é de que São Paulo está em conflito com o Brasil por causa do atraso do resto do Brasil e que as elites de São Paulo eram intelectualmente avançadas, politicamente avançadas, economicamente avançadas, mas não tinham ressonância, e que elas precisavam então se revitalizar e criar condições para

assumir um controle de poder maior. E aí pensam na Universidade de São Paulo, pensam na Escola de Sociologia e Política, trazem essa massa de professores e depois descobrem que a qualidade do pensamento muda e que eles não renovam as elites, mas criam um pensamento antielitista e crítico. E aí nos põem para fora, nos prendem etc. É todo um processo estranho, não é? Agora, esse processo não foi planejado, ele não foi orientado, mas, ainda assim, ele não foi controlado a partir de fora. Ele foi espontâneo, cresceu dentro da sociedade brasileira e com os nossos recursos. Portanto, é uma situação muito interessante de mudança cultural, que é provocada num nível e não em outro. Ela é provocada em termos de desencadear um processo, e depois os diferentes níveis e resultados do processo não são mais provocados, a sociedade brasileira vai interagir com eles como ela pode e vai rebaixar a qualidade do processo continuamente. Quer dizer, uma das coisas curiosas é como a qualidade da faculdade vai caindo. Embora ela cresça, também. Ela cresce num nível e cai noutro. Por quê? Porque o padrão médio dela vai ser cada vez mais determinado pelo meio. Só para você ter uma ideia do que eu quero dizer – eu conto nesses trabalhos –, quando eu vou ser aluno da faculdade, eu tenho um curso com o professor Maugüé, sobre Hegel, dado em francês, o ano todo. Nós não tínhamos base filosófica para isso, mas eles não estavam preocupados em saber se nós podíamos ou não. O professor Bastide, no primeiro ano, no primeiro semestre de 1941, ele me dá um trabalho de aproveitamento: a crise da explicação causal na sociologia. A própria sociologia era matéria eliminatória nos exames. Tudo isso era uma situação absurda. Quer dizer, o que eu com o Antonio Candido fazemos, quando nós conseguimos, em 1947? Nós adaptamos o programa aos estudantes. Isso é um rebaixamento de nível. E você vê isso progressivamente. Em 1964, nós chegamos ao cume desse processo, porque dentro da universidade se organiza uma comissão de expurgo para pegar os professores que devem ser excluídos, devem ser perseguidos, dentro da universidade. E, em 1969, a lista foi feita, nós fomos submetidos à justiça militar, fomos... com exceção dos professores de medicina, que tinham sido punidos no percurso, e não pela justiça militar e pelo governo do estado, por exigência dos próprios professores da medicina, e os outros foram liberados. A justiça militar nos isentou de culpa. Nós fomos impronunciados. E depois fomos punidos, em 1969. Isso mostra qual é o padrão de reação da sociedade brasileira a essa inovação. É uma inovação que aí já não estava no começo; ela já estava no fluxo da terceira geração. A primeira fomos nós; a segunda, você pega o Fernando Henrique, o Octavio, o Luiz Pereira etc.; e depois, a outra, o Leôncio, o Gnaccarini, e vai até outras pessoas menos conhecidas, como o Cláudio Torres Vouga, o José Francisco Quirino, a Lourdes Sola etc. A catástrofe, nessa terceira faixa, foi enorme. O número de gente que se perdeu foi terrível. E não aparece. Por quê? É o tal que sai no mijo: eles não são

conhecidos, não têm direitos, não têm nada. Se perdeu um trabalho terrível de investimento. Porque aí entrava a influência não só da geração *between*, como eu e o Antonio Candido nos descrevíamos, a geração *elo*, mas também a geração subsequente e essa outra. O prejuízo foi grande. Agora, a sociedade brasileira mostrou qual é o padrão de reação, em termos, naturalmente, do grupo que tem o poder. O grupo do poder reagiu assim, punindo, excluindo, destruindo, pulverizando, dentro e fora da universidade. É preciso que se entenda que não foi só fora; foi dentro. O processo é paralelo e simultâneo.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

F.F. – É preciso introduzir uma rotação nesse esquema. Porque, veja bem, agora há pouco eu falei no Perdígão Malheiros. O Perdígão Malheiros mostra como o espírito jurídico, no momento em que ele foi realmente relevante, como ele teve o mesmo significado que teve a sociologia na década de 1940, 1950 e 1960. Você nunca leu *A escravidão africana no Brasil*, não é?

M.P. – Preciso ler.

F.F. – Se você lê esse livro, você vê então como a reflexão legal permitiu um conhecimento da sociedade. Agora, se você pega Sílvio Romero, Veríssimo etc., você tem a mesma dimensão com relação à literatura, sendo que o Sílvio Romero é muito mais rico, porque você vê como ele usa a literatura popular e a literatura erudita, as duas como instrumentos de conhecimento da civilização e da realidade. Agora, se você passa para a história, realmente, você tem dois tipos de história. Você tem a história historizante, a história... na categoria do Henri Berr, a história tradicional. Ela não questiona a realidade, ela não desmascara. Mas você encontra... Por exemplo, se você pega o livro do Nabuco, o livro sobre o pai dele, *Um estadista do Império*, você pega aquele livro, você tem toda uma reconstrução da sociedade brasileira que é reflexiva, que é do espírito liberal avançado e que permite a você ver o pensamento conservador quando ele é atuante na sociedade brasileira do passado e é construtivo. Porque os conservadores não eram postos em xeque, então, o conselheiro Nabuco podia fazer tudo que o filho mostra que ele está fazendo: está organizando a sociedade. Então você, por aí, tem as duas dimensões: o direito como um instrumento de organização, de purificação... Porque onde introduz o direito se elimina o arbítrio. A perseguição, por exemplo, que os poderosos e os coronéis realizam no Brasil rural, o direito vai entrar lá. Vai ser difícil, é um processo que vem até hoje, mas vai

entrar. E você vê o conservador na estacada, através do direito, fazendo isso. E, de outro lado, você vê a história moderna, uma história avançada e uma história crítica, refletindo sobre a realidade. Depois você tem o ensaísmo. Por exemplo, livros como *Os sertões*; o livro de... aquele autor que trabalhou com a organização nacional... Alberto Torres. São ensaios. O Alberto Torres está entre o ensaio jurídico e a crítica social; já o Euclides está mais entre a ciência natural e a crítica social. Você vê que o ensaio procura exatamente fixar uma crítica da sociedade que é muito rica. A literatura, como o romance, a novela, a poesia crítica, ela só surge depois. Você não pode chamar o romance de Alencar ou o romance de Machado de Assis de crítico, nesse sentido social. O autor pioneiro aí é aquele do [*Recordações do escrivo*] *Isaias Caminha*, aquele romancista carioca que escreveu o *Triste fim de Policarpo Quaresma*... Eu me esqueci o nome dele*. Mas ele é muito citado por causa disso. Inclusive procuram mostrar como a *Semana da Arte*, em comparação com ele, não se preocupou com a crítica da sociedade. Agora, o romance crítico propriamente surge com o romance nordestino, na década de 1930. Então, você vê que há uma variedade de formas de consciência. No passado, o conhecimento erudito foi... ele tomou consciência da realidade através do direito e através da história, no passado mais remoto. Através da crônica, no século XVI, XVII e XVIII; através do direito e do ensaio, também, no século XIX, especialmente no fim do século XIX; e depois, no século XX, nós temos formas de consciência que já são penetradas pela inquietação científica. No Sílvio Romero já há a ambição de fazer uma análise literária crítica e sociológica. Ele próprio escreve livros de sociologia. O Alberto Torres, o Oliveira Vianna... todos eles estão já com um maior conhecimento do que é a sociologia. Agora, não se desenvolve uma ciência social sistemática. Você vê que a grande ambição de uma sociologia sistemática está ligada ainda com o direito, e aquele... Aquele camarada que, aqui em São Paulo, escreveu aquele livro sobre... Paulo Egydio**. Eu não me lembro todo o nome dele. Aquele que trabalhou com o Durkheim. Mas isso aí ficou muito abstrato; não levou à pesquisa concreta. A preocupação concreta pela realidade surge, de uma maneira maciça, com o romance da década de 1930, com o neorealismo. No romance realista já aparece essa efervescência, mas não com a densidade da década de 1930. E a ciência social surge com um certo atraso, com relação a essa problemática, porque, o ensino, se introduz na década de 1930 e o momento de apogeu só surge na década de 1950. A década de 1940 ainda é um período de fermentação. Então, eu estou de acordo com o esquema dele, mas é preciso introduzir uma variedade maior de... Eu não dou tanta importância.

* Refere-se a Lima Barreto.

** Refere-se a Paulo Egydio de Oliveira Carvalho e, provavelmente, ao livro *Estudos de Sociologia Criminal: Do Conceito Geral do Crime segundo o Método Contemporâneo (A Propósito da Teoria de E. Durkheim)*. São Paulo, Tipografia e Edição da Casa Eclética.

Eu acho que o pessoal exagera muito a Semana da Arte. Ela tem importância em termos de quebra de bolsões da cultura brasileira, em termos de iconoclastia, de liberdade de comunicação, mas em termos de atividade prática rebelde, ela não teve importância, não. Na verdade, se nós ficássemos presos a uma problemática, nós teríamos empobrecido o nosso trabalho, porque a problemática que nós herdávamos de autores brasileiros vinha... elas vinham ou de Alberto Torres, Oliveira Vianna e Gilberto Freyre, formando uma tríade, ou elas vinham de Euclides da Cunha e, depois, Caio Prado. O Caio Prado já é um produto da Universidade de São Paulo, porque, além de ele ser formado em direito, ele fez cursos na Faculdade de Filosofia, na USP, tanto em geologia quanto em geografia, e foi companheiro de muitos dos professores franceses aqui. Então, ele já exprime, embora ele não tenha sido um aluno regular e formado nos cursos, ele exprime já esse avanço que se realizou aqui. Mas você vê bem que uma pesquisa empírica sistemática nas ciências sociais é algo que você pode localizar na década de 1940, embora o Caio já faça isso antes. O trabalho do Gilberto Freyre é muito improvisado, ele ainda é um trabalho de erudição, de gabinete. O trabalho de campo vem depois. A combinação do trabalho de gabinete com o trabalho de campo vem depois, também.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

F.F. – Sabe que a contaminação que a sociedade capitalista exerce sobre as ciências sociais é universal. Quer dizer que nós não podemos dizer que o que aconteceu nos Estados Unidos não venha a acontecer aqui. E depois nós sofremos uma influência direta dos autores norte-americanos. Mas, de qualquer maneira, o setor mais crítico dos cientistas sociais – isso em todo o mundo subdesenvolvido e dependente – procura salvar uma dimensão crítica e, ao mesmo tempo, participante, e com isso surge uma ciência social diferente, uma ciência social ligada com a necessidade de autonomia econômica, autonomia cultural, autonomia política. Todos nós sabemos que a autonomia cultural não pode nascer do vácuo; ela tem de nascer da autonomia econômica e política. Então, isso tudo nos dá uma posição engajada e nos livra, durante algum tempo, dos padrões dominantes nas metrópoles. Mas, à medida que o capitalismo se desenvolve e se consolida, nós não estamos livres de influências estranhas mais profundas e, de outro lado, de uma espécie de poluição da ciência social, que nasce de vários esquemas de isolamento do intelectual em relação ao mundo. O intelectual, aqui, até a década de 1960, tinha uma atividade crítica muito intensa. Em 1964 já fica claro, tanto a partir de fora como a partir de dentro, que se quer quebrar isso, se quer eliminar isso. Agora, nós tentamos reconstruir outros caminhos, mas dentro do mesmo padrão de relação crítica com a sociedade. Não sabemos se vamos ter êxito ou

não. Agora, só para você ver como a influência externa é perniciosa, me dão cinco mil dólares para trabalhar nos Estados Unidos para não fazer nada. Quer dizer, eu fico jogado num canto lá, sem nenhuma influência. O que pretendem fazer? Utilizar o meu talento? Não. É tirar daqui e acabar, liquidar. Então é um esforço constante dos países...

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

F.F. – Os países centrais têm uma influência colonial. Ela pode ser visível ou dissimulada. Mas, de qualquer maneira, para manter essa influência, eles precisam eliminar a autonomia do desenvolvimento. E acontece que, na periferia, por vários mecanismos, são absorvidos dinamismos de exibição, de prestígio, de importância e de poder que são convergentes com essa influência. O Varsavsky escreveu muito isso. Conhece o Oscar Varsavsky? O livro dele foi publicado em espanhol. Ele é argentino. Agora, eu próprio também me preocupei com isso, numa linha diferente. Porque eu não sou xenófobo, e inclusive defendo muito a colaboração com professores estrangeiros, de qualquer nacionalidade. Não se pode dizer que as influências norte-americana, francesa, alemã, aqui no Brasil, foram limitativas. Elas foram criadoras. O limitativo é criar influências que não respondem às exigências da situação. Se respondem às exigências da situação, o salto se dá. E o talento que se cria, ele que vai responder aos problemas; não são os professores estrangeiros. Agora, o importante é manter a tendência de identificação com uma autonomia constante, progressiva, cada vez maior: criar um centro de produção de conhecimentos sociais originais aqui e importarmos, seletivamente, conhecimento de fora. Todas essas preocupações foram esporádicas. Elas apareceram comigo e com algumas outras figuras, mas hoje você não ouve mais falar.

M.P. – [**Inaudível**], hoje.

F.F. – Eu não sou contra que se estude isso. Eu acho que, em termos de educação do cientista social, a sua educação tanto pode ser feita estudando uma cultura como a do Tupinambá no século XVI como estudando uma tribo africana de nossos dias. Não faz muita diferença. Estudando os grupos infantis e os grupos de poder, eu aprendi mais sociologia do que em três anos de Faculdade de Filosofia. Quer dizer que, em si, a questão não... Seria relevante se fosse visto só como um instrumento de educação intelectual do investigador. Mas acontece que não se faz com esse intuito; se faz com o intuito de separar o investigador do processo crítico, de converter o cientista social num equivalente do cientista de laboratório, coisa que ele nunca é.

Eu acho que, vamos supor, confundir a sociologia com uma brasilologia é um erro, é um erro para a sociologia e é um erro para a brasilologia, porque limita os dois, as duas coisas são feitas numa escala de pobreza crescente. Então, é necessário ter um balanceamento: saber onde você faz sociologia e por quê e onde você explica e conhece o Brasil e por quê. As duas coisas precisam ser interpenetradas, precisam ser tentadas simultaneamente. De modo que eu não condenaria em si mesmo o projeto de jogar um estudante para estudar uma cultura diferente. Eu acho que o mau é o intuito de pulverizar. Por exemplo, nós tínhamos o Bolaffi fazendo um estudo aqui sobre uma empresa... Nós selecionamos cinco empresas para estudar, as empresas industriais em São Paulo, naquele projeto de estudo da empresa industrial. Ele vai para os Estados Unidos, para uma universidade norte-americana, com um material já levantado sobre essa empresa. Lá, não se aproveita essa pesquisa e ele vai para o México estudar os *ejidos*. É um absurdo. Quer dizer, mesmo para os americanos... Para norte-americanos e para nós, é importante acabar essa pesquisa sobre essa empresa. Eram cinco empresas, no projeto. Porque tinha uma parte de estudo com base no questionário e tinha uma parte de estudos de caso. Liquidaram com um dos estudos de caso, simplesmente porque era necessário que ele fosse estudar uma cultura diferente. Outro caso importante da... até um rapaz que trabalhou comigo e que estudou aqui o homossexual. Ele fez uma tese de mestrado muito boa e, com o melhor material da pesquisa, ele deveria trabalhar com o Lynn Smith, fazendo um estudo que era a tese... Seria a tese de doutoramento aqui. E o Lynn Smith, que era um puritano, achou que ele não devia trabalhar naquilo e o mandou, no Brasil, no Nordeste, para estudar um movimento religioso lá de menor expressão. Quer dizer, isso tudo reflete um provincianismo na metrópole, um provincianismo intelectual. Quer dizer, em vez de nós sermos provincianos, eles que são provincianos. E depois eles nos impõem o provincianismo, como parte de um processo de fragmentação, de pulverização da universidade, para impedir que dentro da universidade se forme um bastião de pensamento crítico. Para você conhecer isso, você precisa ler o livro do Lasch, aquele *The agony of the american left*. Lasch é um historiador norte-americano – escreve L-A-S-C-H. Um dos ensaios desse livro é exatamente uma discussão que ele faz da importância negativa da ausência de um movimento socialista capaz de ter, nos Estados Unidos, uma influência análoga à que teve na Europa. Então, a universidade norte-americana acabou sofrendo a ausência dessa influência. Isso empobreceu. Nós, aqui, não temos a ausência dessa influência porque, por causa da Europa... nós acabamos tendo o padrão da Europa do fim do século XIX e começo do século XX, em que há essa interpenetração, mas o que nos faz falta é a inexistência dos movimentos organizados fora da universidade que tenham grande vitalidade e deem papéis aos intelectuais. Por exemplo, quando você considera que a Rosa Luxemburgo dava cursos... Porque o manual

de economia política dela é um curso que ela deu para militantes do partido. Quer dizer que nós não temos isso aqui. E os que querem que eu unifique meus papéis... Como é que eu vou unificar? Porque os papéis estão separados pela sociedade. Não fui eu que separei. Eu tentei unir, mas não pude. Agora, nos Estados Unidos, há essa tendência, que nasce... Uma sociedade que cria o sistema bipartidário... Você deve ter visto, no Wright Mills, a crítica do bipartidarismo, no *White Collar*, a crítica que ele faz ao bipartidarismo. Quer dizer, não há opções. Qual é a opção que você tem, entre o Partido Republicano e o Partido Democrata? É a mesma coisa. São níveis relativamente diferentes de realizar o mesmo ideal político. A opção socialista e comunista está fora. A anarquista existe como um movimento espontâneo, fragmentário, pulverizado. A socialista, também. A comunista é extirpada, ela é considerada... Você pega um dos melhores livros sobre patologia socialista, que está aqui atrás de você, do Lemert, tem um capítulo todo sobre o radical como problema social. O radical é caracterizado como imaturo e um problema para a sociedade. Quando você tem isso dentro de uma cultura, há um elemento provinciano muito grande. E o intelectual, lá, é um elemento ultraespecializado, ele não é concebido como um homem suficientemente maduro para fazer parte das elites poderosas. As elites poderosas são: a dos empresários, a dos militares e a dos políticos. Os intelectuais divergentes, no campo das ciências sociais... Você tem atrás de você ali o Veblen. O Veblen, como é que ele acabou? Aqui, no outro extremo, você tem o Wright Mills; no meio, você tem o Lynd. Todos eles foram marginalizados. São três gerações, os três marginalizados: não tiveram a influência que deveriam e poderiam ter. São tidos como pessoas fascinantes etc., mas acabou. Já se eles fossem europeus, eles teriam movimentos sociais em que se apoiariam. A universidade e esses movimentos estariam em interação, então, isso seria diferente. Daí nasce uma concepção muito especializada de pesquisa sociológica, de pesquisa antropológica e que restringe o elemento humano da ciência e elimina o elemento político. Enquanto que você pega, por exemplo, um homem que representa a tradição europeia, esse Myrdal, ele escreve um livro todo sobre o elemento político na economia. E um professor americano poderia escrever uma biblioteca toda, uma enciclopédia para provar que não deve existir elemento político na ciência. Esse é um contraste vigoroso. É por isso que o livro do Myrdal, *An american dilemma*, aqueles apêndices tiveram uma importância tão grande nos Estados Unidos, porque levaram a uma fermentação nova. Você vê, hoje, tudo que se fez em Chicago... Aquele movimento de Chicago foi muito interessante, porque, como aconteceu com São Paulo, Chicago teve também essa ligação com a Europa. E o que aconteceu? Tudo isso já é coisa... É um santuário. Já ninguém mais lembra disso. É um episódio superado e suplantado. Há uma preocupação de moda dentro da ciência e, com essa preocupação de moda, o que um faz hoje, no dia seguinte já não deve ser

feito mais. Quer dizer, essa afirmação... Em vez de haver uma linha contínua de trabalho, há uma linha de constantes choques. O camarada que quer ter êxito e quer aparecer, ele tem que fazer uma coisa totalmente diferente. Não só diferente; negando o que o outro fez. Porque é como se houvesse uma... É como se, na ciência, as gerações sucessivas não colaborassem entre si. Hoje, você pega um livro de teoria da ciência, como esses livros que eu tenho aqui, do Pierson, do... todos esses autores, todos eles falam em colaboração entre gerações. Ciência é uma colaboração invisível entre gerações sucessivas. Esse elemento é pulverizado e destruído, como parte da destruição do pensamento crítico. Porque, realmente, o pensamento crítico, nas ciências sociais, numa sociedade onde a democracia funciona, acaba sendo explosivo. E quando o intelectual sai a campo para **se chocar**, então ele faz a guerrilha intelectual, como o Marcuse. É a guerrilha intelectual. Realmente, não é uma coisa que esteja resolvida e institucionalizada pela sociedade.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

F.F. – Quando eu fui para a Escola de Sociologia, eu já disse, eu era assistente na Faculdade de Filosofia. Eu tentei ser aluno, em 1944, mas eles não gostavam de nós, da Filosofia, eles tentavam evitar, e sabotaram de tudo quanto foi jeito. Agora, em 1945, eu voltei à carga, mas já sabendo dos artifícios que eram usados, e eles tiveram de me engolir. Os professores... O Pierson tinha uma direção... Quer dizer, a seleção do curso de pós-graduação era um pouco fechada lá. Eles achavam... Porque a nossa formação era muito diferente e nós éramos intelectuais conhecidos como radicais. Eles não gostavam de contaminação. Mas em 1945 eu entrei. E o Darcy era estudante de graduação. Ele fazia curso graduado lá. E eu fiz em 1945 e 1946 e saí, e ele continuou. Depois ele fez pós-graduação lá. Eu não sei exatamente o currículo dele. Eu conheci o Darcy nessa época. O movimento de transformação da universidade existia aqui. Se você pega os trabalhos da *Educação e sociedade no Brasil*, você vê que nós estamos lutando. E o Darcy, com o Anísio, tinham importado aquele professor alemão que andava aí, que fez o projeto básico da Universidade de Brasília. Depois eles trabalharam com esse projeto básico. Lembra? Aquele que fez aquele relatório famoso. Ele primeiro trabalhou no Chile e depois veio para cá. Era um sujeito bastante reacionário até. Aquele foi o ponto de partida. Quer dizer, quando o Darcy foi para lá, eles contavam com esse camarada. Eu tenho... O trabalho dele está por aí. Eu não tenho tempo de estar procurando agora. Mas, quando o Darcy cria a Universidade, ele tenta nos levar para lá, mas nós não fomos. E, do nosso grupo, foram: o Luiz... Foram recomendados por mim. [Foram]: o Luiz, o Gnaccarini e o Perseu Abramo. E

deveria ir também o Celso de Rui Beisiegel. Mas, conversando com o Darcy, ele achou que o Darcy não merecia confiança e não foi. E o Luiz, lá, não se adaptou bem e voltou, depois de três meses. Não se adaptou à desorganização que existia naquela fase de implantação. Agora, em termos globais, a diferença era que, em Brasília, eles podiam começar de novo. Nós, aqui, tínhamos toda a herança da escola... Por isso que eu dou tanta importância à discussão da escola superior isolada, a conglomeração. Porque nós todos tínhamos de trabalhar dentro dessa linha, de partir dessa realidade que se formou desde o século XIX e que era um obstáculo à criação de universidade, a desenvolvimento da universidade. E, portanto, a nossa capacidade de inovação era menor, porque toda essa gente que era fruto de sociedade... da escola superior isolada e da universidade conglomerada, eles resistiam à mudança a partir de dentro, e em posições estratégicas-chaves. E inclusive, depois, essa gente é que luta conosco no plano político para nos destruir. Porque, na verdade, as ideias que eu exponho nos dois livros não traduzem a minha posição nem a posição do Antonio Candido nem a posição dos estudantes; traduzem uma tendência média. O extremo dessas tendências eram muito avançados. Se você pegasse documentos elaborados por estudantes ou por professores que não respondiam às tendências médias, eles estavam muito mais para frente do que os da Universidade de Brasília, porque inclusive já faziam a crítica da universidade, a crítica da universidade como uma instituição empresarial e limitada pela estrutura capitalista da sociedade. Quer dizer que eles foram muito além. O Darcy não teria como... Porque ele tinha de defender um projeto político. Não havia viabilidade para um projeto tão radical. Portanto, o conteúdo de modernização precisa ser visto com muito cuidado, ainda mais se você for fazer análise antropológica. É bom que você tenha isso em mente. Agora, em termos de quando você compara as estruturas realizadas, aí Brasília está em avanço, com referência às outras. E depois os burocratas, no Brasil, transformam Brasília em paradigma. Mas tudo isso é uma história antecipada e, ao mesmo tempo, brecada. Porque, ao mesmo tempo que eles antecipam a história, quer dizer, projetam Brasília como modelo para as outras universidades, eles deturpam a universidade, eles viciam.

M.P. – Adaptam.

F.F. – É. Eles introduzem componentes que esvaziam aquela universidade. Então, as duas coisas trabalham simultaneamente. É um modernizador que, na verdade, não pretende ser um foco de mudança e de radicalização; ele procura ser um foco de contenção, que é modernizar naquele plano em que a sociedade já controla as inovações. Você encontra em três livros, trabalho sobre universidade, você encontra na *Educação e sociedade no Brasil*, que é muito

importante para você estudar a reforma a partir de dentro e também em termos de consenso – eu sempre trabalhei em termos de consenso –, você encontra em *A universidade brasileira*, que traduz... Eu, socialista, ia mais longe. Mas eu não estava fazendo a crítica socialista da universidade; eu estava discutindo com grupos como transformar aquela universidade conglomerada numa universidade moderna, multifuncional, e por isso que eu trabalhei naquela direção. Eram textos para debate com estudantes, com professores. E depois, no *Circuito fechado*, aquele capítulo sobre o ensino na América Latina, sobre a universidade na América Latina. Mas eu acho que aí a reflexão de Marx é importante: “Quem educa o educador?”. Quer dizer, nós temos de fazer um esforço de autoeducação. Como nós estamos numa sociedade onde o espírito conservador é tacanho e limitativo, nós temos de sair da nossa pele, nós temos de forçar a mão. E isso explica por que a educação acabou sendo tão importante. É um tema... Agora, eu, na década de 1960, estimulava muito, especialmente no fim da década, que se saísse de dentro da instituição, que não se perdesse mais tempo ali, porque, afinal de contas, a universidade não é o começo ou o fim do mundo. Nas minhas últimas intervenções, eu aconselhava os estudantes a lutar fora, fazer a revolução fora da universidade; não perder tempo com os problemas da universidade, que é uma maneira também de desviar a [inaudível] nova de uma atividade vital. Você desloca o centro da problemática. Ora, a problemática maior está na sociedade brasileira: na pobreza... Agora, por exemplo, em vez de porem no centro o problema de conflitos de classes, põem no centro o quê? A anistia. A anistia beneficia a quem? A mim? Eu preciso do benefício, morando aqui? Não preciso, não é? Quem é que está precisando? Quer dizer, é uma deturpação constante na... por causa da nossa mentalidade elitista. E a nossa influência, nessas reflexões todas, é tentar diferentes meios de sair daí, de avançar na reflexão. Se os antropólogos tivessem um pouco mais de vitalidade... O único antropólogo... Aliás, são dois. Os dois antropólogos de ponta que avançaram foram, de um lado, o Darcy e, de outro lado, a Carmen Junqueira. Em média, os antropólogos se recolheram. O próprio Roberto, que, em termos de qualidade de trabalho intelectual, sem dúvida, representa Marx, até no caso do índio ele se recolheu. Só agora no fim que avançou, ele e o grupo dele. Então, os antropólogos revelaram uma falta de vitalidade muito grande. E o Darcy, quando revela vitalidade, ele não revela como antropólogo; ele revela mais como um político e administrador. E com isso a antropologia avança também, mas você vê que há um hiato entre a antropologia e [inaudível] prática, como havia no Fernando de Azevedo, também. Isso ele é representativo mais do passado do que do presente. [Para] ter uma unificação, seria necessário que o cientista social, inclusive o antropólogo, fosse usado nas investigações voltadas para fins práticos. Isso não acontece. Até hoje a ciência social foi largamente subestimada. Quando ela é

utilizada, ela é utilizada em termos dos interesses dos poderosos, dos donos do poder. Então, têm as instituições, as empresas como a Hidroservice, que tem lá uma reserva de talento e aplica para estudar problemas concretos que interessam a ela. Porque esses **círculos** não precisam do... Eles pagam, financiam e fazem a pesquisa. Como os norte-americanos, também, com as pesquisas sobre mudança revolucionária na América Latina. Se o projeto [**inaudível**] foi por água abaixo, uma multidão de projetos avançaram. Esses projetos avançaram em todos os países vitais, e os conhecimentos foram usados. Agora, na área que diz respeito às populações subalternas, nada, porque a dinâmica não vai nessa direção. Para isso, você precisaria ler a introdução das *Mudanças sociais no Brasil*, o capítulo novo que eu fiz para a segunda edição. Não sei se você leu. É a colocação da mudança como um problema político. Eu não posso dar porque eu só tenho esse exemplar aqui. Ele foi dedicado para o Antonio Candido. Ainda existe à venda. Está aqui: *Mudanças sociais no Brasil*.

M.P. – *Mudanças sociais no Brasil*, Primeiro capítulo.

F.F. – Porque na primeira edição você não encontra isso. Isso foi escrito para essa segunda edição. “As razões que explicam essa mudança de atitudes são de natureza psicológica e política.” [lendo] É toda a situação e a natureza política da mudança. Eu coloco... Toda a discussão foi concebida em termos didáticos, para o estudante. Você quer ir lá fora, para eu mostrar para você? Eu não posso mostrar muita coisa porque eu já estou no meu limite de horário, mas, se você tiver alguma questão, ainda se conversa lá.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

F.F. – O que é pessimismo? Eu tenho uma [**inaudível**] socialista, no fim daquele ensaio, quer dizer, não tem nada de pessimismo. Na verdade, nós estamos nessa situação. Nós temos de extrair da nossa experiência positiva e negativa o significado dela. Isso pode deixar. Agora, se não entendem o trabalho dessa perspectiva, ele não tem [sentido] nenhum, não é?

[FINAL DO DEPOIMENTO]